



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

Ofício Nº 02/PI-Manairissu

5.ª DELEGACIA REGIONAL

Culabá - MT. 04/02/1981

Do: Servidor Sílbene de Almeida
Ao: Delegado Regional da Funai
Assunto: Encaminhamento (faz)

Senhor Delegado

Passo as mãos de V.Sa, o relatório dos acontecimentos verificados na Fazenda Maringá, propriedade do Sr. FARUO GUINOSA, quando um índio Apiaká matou um civilizado.

Anexo os termos de Declaração, apurado pelo Sr. Delegado de Polícia de Juara.

Sem mais reitero os protesto de consideração e apreço.

Atenciosamente,

SÍLBENE DE ALMEIDA
CH. PI-MANAIRISSU

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Relatório do ocorrido no dia 24.01.81, na Fazenda Maringá, quando da morte de um civilizado por um índio.

Em 30 de janeiro de 1981, na aldeia Apiaká à beira do Rio dos Peixes, município de Porto dos Gauchos, Estado de MT, reunidos o Capitão Morimã e vários índios, acerca do acidente em que culminou na morte de um civilizado por um índio relatou-nos a história como se segue:

João Erminio Morimã, filho do Capitão Pedro Morimã, mais 04 (quatro) índios trabalharam na Fazenda Kinosa, a 6 km rio abaixo, fazendo limpeza na plantação de cacau da referida propriedade, declararam que no começo ia tudo bem, mas, com o passar dos dias as coisas pioraram. Segundo os índios, eles passaram a ser tratados pelo "Gato" (empreiteiro), chamado Edgar ou Garcia, diferentemente do início do trabalho, inclusive a comida passou a ser feita separadamente, sempre declarava que índio era bobo e era fácil de ser enganado. As mercadorias vendidas aos índios, como rede, cobertor, etc, eram usadas, e marcada duas vezes na conta de cada um deles. O João já havia trabalhado com esse "Gato" (empreiteiro) há dois anos atrás, e no acerto de contas houve problemas, o empreiteiro espancou o João, e sempre que encontravam surgiam provocações por parte do Gato fazia convites insinuantes para a índia Domingas, irmão do João, a ir morar com ele na fazenda.

Os índios não estavam satisfeitos com a situação, porém, como já trabalhavam por mais de um mês e não tinha havido acerto de contas, continuaram o trabalho normalmente, apesar do ambiente desagradável, até o sábado dia 24.01.81, quando houve novo entendimento entre o índio João e o "Gato", culminando com a morte deste último.

Nesse sábado, após o almoço, por volta das 13.30hs, tres índios deslocaram-se do acampamento para a aldeia, a fim de visitarem suas famílias, caçarem e pescarem o necessário para o suprimento delas, ficando João com o menor A. Eles não foram para a Aldeia porque já haviam feito suas visitas na 5ª feira da mesma semana, e combinaram que aguardariam o retorno dos outros no domingo, para participarem de um bate bola na Fazenda Agrotep. Estavam no barracão além dos dois índios, o Gato e mais dois peões que estavam ali de passa-

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

3

Fls-02

gem para pescar. Haviam bebido umas duas garrafas de pinga, e sempre que o faziam, convidavam o índio para beber, fazia deboches, dizendo que índio é fraco, é bobo, etc.

O João afirmou que, naquela oportunidade havia bebido uma pequena dose, e já estava bastante nervoso com as provocações proferidas pelo empreiteiro. Em determinado momento, afirmou o João, que o Gato, querendo demonstrar valentia, armou-se de um facão e o ameaçava, acertando-o na perna. Após a agressão sofrida, apesar da insignificância do golpe, João enfureceu-se e armou-se de um pedaço de pau e revidou a agressão atingindo-o na cabeça mortalmente.

João ainda apoderou-se de uma foice que estava próxima, desferindo-lhe golpes na cabeça e no ventre. Quanto aos outros peões que achavam-se no acampamento, já haviam ido embora. Após o ocorrido, segundo o João, este desceu até a beira do rio, e logo após passava o seu irmão Nicolau, que o levou para a aldeia.

O empreiteiro que trabalhava para a Fazenda Kinosa, que insistiu com o Capitão Pedro, para levar os índios para trabalharem sendo que na 1ª vez trabalharam uma semana, e na 2ª vez trabalharam um mês pouco. Eles foram "contratado", para ganhar Cr\$250,00 (Duzentos e Cinquenta Cruzeiros), livres, exceto o menor A, que era Cr\$150,00 (Cento e Cinquenta Cruzeiros) por dia, esclarecendo que os 05 (cinco) trabalharam e não receberam nada, conforme discriminado abaixo, o numero de dias, a serviço e que deve constar no caderno de anotações do empreiteiro, levado após o acontecido, pelo gerente da fazenda, de nome LUIZ, que possui escritório na cidade de Juara.

Edgard Capiro	53 dias
João Cayabi	11 dias
João Morimã	20 dias
Roberto	25 dias
Alacid (menor)	17 dias

Anexamos o termo de declaração apurada pelo Delegado de Policia de Juara, junto aos peões que estavam horas antes no local.

Atenciosamente

Cuiabá, 02 de fevereiro de 1981

Silbene de Almeida
Silbene de Almeida

Indigenista